

LO

D'OLI

CAMILO

CASTELO

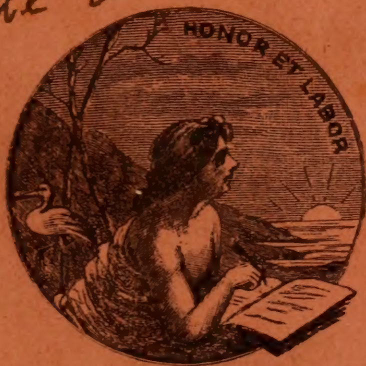
BRA

LOPES D'OLIVEIRA

INTELLECTUAES

II

CAMILLO CASTELLO BRANCO



LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158—Rua da Prata—160

1903

LOPES D'OLIVEIRA

INTELLECTUAES

L'auteur .. il est un de ceux qui tentent, et qui tentent avec persévérance, conscience et loyauté. Rien de plus.

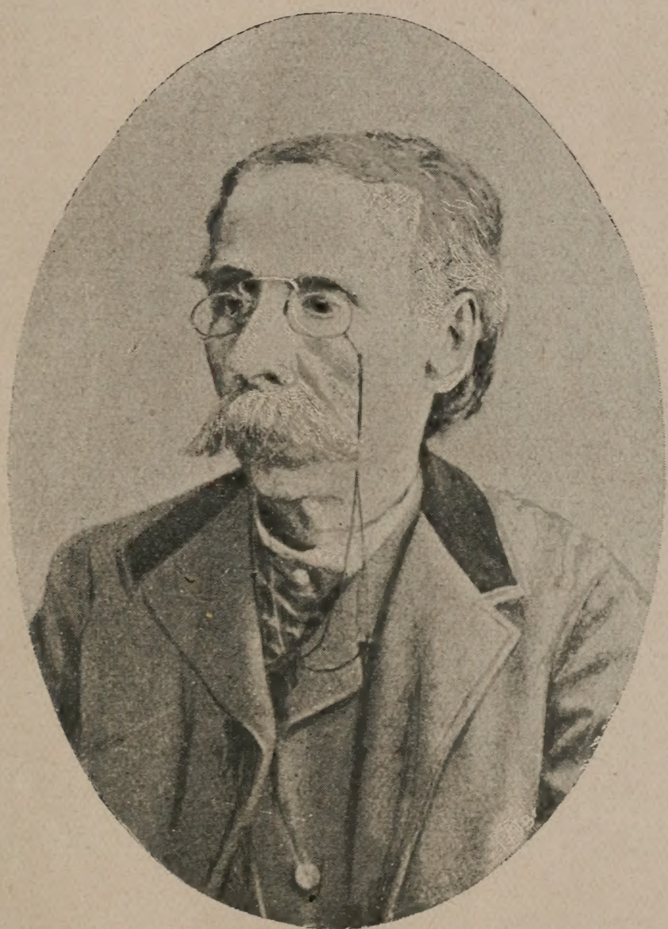
Victor Hugo.



LISBOA
LIVRARIA CENTRAL de Gomes de Carvalho, editor
158 — Rua da Prata — 160

—

1903



II

CAMILLO CASTELLO BRANCO

«A minha vida é uma elegia continuada...»

Camillo Castello Branco.

«.. o primeiro escriptor portuguez do nosso seculo, o romancista dos grandes desesperos, o sarcasta do rir satanico e terrivel, typo unico d'individualismo tragico, de genio cálido, largo como um mundo, extranho como um sonho, mixto de todas as sensibilidades e de todas as revoltas...»

Fialho d'Almeida.

A VICENTE PINHEIRO DE MELLO (ARNOSO)

Meu bom Amigo

A ti que, como artista, tão intensamente admiras a assombrosa Obra do grande Mestre, e como homem tão enternecida e emocionalmente sentes a sua dolorosa e tragica Vida, — ao teu alto espirito e generosissimo coração offereço estas humildes e obscuras paginas que lhe consagro.

Este estudo não tem uma accentuada feição critica como ella costuma conceber-se e desejar-se.

E' que eu entendo que a analyse e a denuncia dos defeitos minimos d'uma grande Obra só necessita fazer-se quando ella tem uma notavel acção benefica ou perturbante nas suas grandes linhas constituitivas, pelas quaes ha de operar-se a sua synthese,—sendo condições necessarias e geradoras de superiores qualidades reveladas, ou produzindo e envolvendo a sua negação.

Este desvalioso trabalho faz parte d'um livro inédito que escrevi sobre o grande Mestre.

Apesar de exceder o maximo numero de paginas que o meu dedicado editor prometteu ao publico, não consegui condensar n'elle, embora muito succintamente, as 200 a 300 do livro.

Por isso este folheto ficou tão incompleto no seu restricto plano que nem espaço tive para, comprovando-a, destacar a alta individualidade moral de Camillo tão torpemente calumniada, e citando alguns dos seus inexcediveis livros, evidenciar a superioridade de these, concepção e execução que impõe a sua Obra como uma das maiores obras universaes.

A larga, embora ligeira, visão harmonica que eu pretendia dar-lhe falhou portanto,—restando elle sómente como um vago reflexo da profunda, ferverosa e apaixonada admiração que devo e tenho pelo maior prosador do meu paiz.

Lopes d'Oliveira.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A vida de Camillo apparece-nos como chrystallisada, palpitante, viva e integral na sua colossal obra d'Artista, que é a exegese superior e formidavel da sua cosmogonia psychica.

A grandeza sombria e tragica da sua figura, — destacando-se d'ella, domina no seculo XIX, em Portugal, como a mais assombrosa synthese do genio, tão superiormente humana pela paixão, pela aventura e pela desgraça.

Camillo é, sem duvida na geniographia contemporanea, na sublime cordilheira dos *sobre-humanos*, um dos mais altos e inconfundiveis pela Obra e pela vida que n'elle extranhamente se completam.

«As obras de espirito, diz Taine, não tem por creador sómente o espirito.

«Todo o homem contribue a produzi-las; o seu caracter, a sua educação e a sua vida, o seu passado e o seu presente, as suas paixões e as suas faculdades, as suas virtudes e os seus vicios, todas as par-

tes de sua alma e de sua acção deixam seu traço no que elle pensa e no que escreve.»

Não é porém na vida apparente do artista que nós devemos ir procurar a definição do seu caracter psychologico nem a exegese da sua Obra ; é na Vida propria que repousa no fundo da sua existencia, na intimidade do seu espirito, em todas as suas profundas manifestações, quaesquer que sejam, na sua audacia ou na sua hesitação pusilanime, na sua revolta ou na sua submissão, na sua lucta ou na sua cobardia ; deve attender-se a todos os factores, a todas as circumstancias e a todos os factos que possam dar-nos, nitida e integralmente, as linhas geraes do seu temperamento nas revelações superiores da sua idiosyncracia, considerando a acção do meio, estabelecendo o que ha de voluntario, automatico ou forçado nos seus actos, — e deduzindo assim, finalmente, d'essa analyse, a synthese da sua individualidade moral e intellectiva.

Mas só o talento mediocre, como observa Guyau, será «uma resultante da qual se podem reachar e reconhecer todos os factores, estudando o meio e o caracter exterior d'um auctor tal qual elle se desenrolou na vida.»

Assim encontrar, para o estudo intellectivo e moral de Camillo, entre muitos phenomenos psychicos os predominantes e caracteristicos que nos interessem para o conceito do genio, reduzi-los, da sua exposição concreta a uma fórma abstracta, simples e geral, se-

ría, senão inutil, pelo menos difficil e delicadissimo trabalho de critica, envolvendo em si especiaes e profundos conhecimentos scientificos que não tenho, forçando-me a abandonar a realisação methodica da sua monographia mental, reduzindo-a a um ligeiro esboço da sua biographia, observadas ligeiramente as suas condições de hereditariedade e a influencia do meio.

A vida de Camillo ê uma das mais extranhas monographias d'Artista contemporaneo.

Sem o esboço, ao menos, d'esses annos atormentados de dôr e lucta que foram a sua vida, não se comprehenderia a sua Obra.

Descendente d'uma familia em «que era necessario ser desgraçado para não contradizer os fados», filho natural d'um homem morto pela demencia como sua avó materna e duas tias, sobrinho de Simão Botelho, um grande desgraçado cuja vida está na obra prima *Amôr de Perdição*, tendo como ascendentes loucos pelo Amôr e infelizes tragicamente assassinados, como seu avô, a Camillo tambem «a orphandade aos nove annos, com a sua escolta de infortunios», começou a andar com elle de inferno em inferno.

Aos dez annos, tão criança ainda, já bem sentia, morbidamente a dôr enorme que dá a Morte, indo, a occultas, sósinho, atravez d'uma casa sombria, sem terror pelos finados, a altas horas da noite, á luz mortiça dos cirios, beijar o cadaver de seu pae.

Este facto tão extranho e singular revela já a grande força da sublime alma que tanto haveria de soffrer na agonia lenta que foi toda a sua vida.

Levado de Lisboa para Villarinho de Samardan ahi passou a infancia n'essa aldeia com vento e neve, exposta aos lobos e perdida entre as penedias agrestes das serras transmontanas, onde todos os dias ajudava á missa, resava *vesperas*, *completas e matinas* com Antonio d'Azevedo, um padre cheio de fé e mysticismo, e sósinho abalava para o monte, onde ficava dias inteiros, provido «com clavina, polvorinho e os salpicões, a borôa e a cabacinha d'aguardente.»

Este viver d'isolamento, entristecendo-o, accentuando-lhe o caracter tão profundamente melancholico que o fazia passar os dias apascentando o gado, comprazendo-se no pittoresco e bucolico mister em que só os pobresinhos das nossas aldeias se occupam, deu a Camillo a ancia pelos affagos e caricias ternas d'uma *conversada* amiga e dedicada, ao mesmo tempo que a natureza impressionava o seu espirito com os soberbos espectaculos da sua força tão magnifica—destruindo como creando, e o seu temperamento o alvoraçava revelando a profunda vehemencia dos seus sentimentos e actos, pela qual escreve Moniz Barreto «o genio aventureiro e apaixonado da peninsula apparece em alto relevo na vida e na obra d'este grande escriptor.»

A orphandade noviciava-o no Amôr e o Amôr dava-lhe logo, aos 15 annos, esse infortunado casamento em Friume no qual a sua quasi infantilidade, ape-

sar da ceremonia catholica que lhe foi imposta, não viu mais que um laço affectivo que poderia quebrar-se um dia, perante a sociedade, quando elle se tivesse quebrado no coração.

Poucos annos depois, Camillo estava estudando no Porto onde o sustentava Sebastião dos Santos na ambição esperançada d'um genro medico que o evidenciasse socialmente, — quando sua mulher morreu ; — uma filhinha sobreviveu-lhe alguns mezes sómente.

O grande romancista parece não ter sentido grande abalo com a morte de sua mulher com quem se vira casado por ardis de seu sogro e que lhe fora pesada no coração desde que se levantou alto o seu espirito; — não a maltratou nunca, não a aborreceu talvez, mas não a amou muito decerto.

São d'esse tempo os amores com aquella Luiza de que nos falla nas *Memorias do Carcere* e com uma das sobrinhas do padre que conta ter conhecido, na festa de Nossa Senhora d'Apparecida, no dia em que, n'uma desordem, morreram alguns dos seus companheiros de «esturdia».

Foi para esta ultima que, entre lagrimas, escreveu, na Serra do Mésio a sua primeira poesia, onde o seu espirito trasladou, diz elle, alguma cousa de «vago e intraduzivel.»

Mas sobretudo como é bella a historia do seu amor com Maria do Adro, a linda camponeza que compunha lindos versos, e cujo coração deu a Camillo, no seu amor, talvez a mais profunda e doce emoção de plena vida. E' a mais encantadora, na sua melancholia e sim-

plicidade, de quantas eu conheço e tenho visto em livros.

Começa esse doce idyllio á porta da choupana de Maria, sentados, ambos n'um abraço, no tóro d'um velho castanheiro; decorre entre beijos, serena e suavemente, sob a magnifica benção do sol fecundante, pelas leiras e hortos nos trabalhos rudes da lavoura, nas tardes, já docemente crepusculares, junto á fonte, na volta das ceifas dos trigaes cor d'ouro em que a figura esvelta d'ella se destacava n'uma terna gracilidade tão debil que ao curvar-se, arqueando o braço, parecia ir deter a morte para que a não fizesse tombar tambem com elles — e finda pela sua morte, quando elle está longe e nem sequer talvez n'ella pensa.

Finda? Não; — quando Camillo volta á sua aldeia e sabe extincta a vida d'essa mulher tão amada, viola-lhe a sepultura por uma noite tempestuosa, ao clarão dos relampagos que entram pelas frestas da egreja abalada pelo sinistro rolar dos trovões, reflectindo-se na pallidez cadaverica do corpo já decomposto e verminado de Maria, apertado ainda entre os seus braços, amorosamente, como outr'ora.

Cahiu inanimado sobre as lageas, junto d'esse corpo tão querido e da sua cova aberta, com uma febre delirante que o teve como mortalmente enfermo; — mas o seu amor tinha sido accordado tão violenta e tragicamente, exercendo sobre a sua vida uma tão morbida — e duradoura influencia que elle conserva sempre depois junto a si o esqueleto da primeira mulher que bem amara.

Isto é horrivel e tragico como um conto de lenda; — elle proprio escreve que «estas impressões ao principio da vida, explicam a agonia das vidas mais dilatadas.»

E' que o grande poder evocativo da saudade é um traço carateristico da personalidade de Camillo.

N'este facto acabamos de ve-lo, e na sua Obra, — a sua evocação, melancholica, serena, por vezes quasi tragica, e é tão suggestionante que nos possue a alma, n'um bater apressado do coração, e faz nevoar-se-nos a vista que parece concentrar em si, amortecida e profunda, a imagem descolorida, vaga e suavissima d'alguma coisa de sagrado amôr que nós tambem tivessemos e sentimos.

Ao acabar uma infancia atormentada, ao entrar na mocidade, vinha-lhe já ferido o coração pela desgraça e o espirito cançado para a Vida.

Desde o seu casamento em Friume, Camillo começa de vaguear de terra em terra, ora no Porto ou em Lisboa, ora em Villa Real, na Samardan ou em Coimbra, sempre sem parança, n'uma existencia agitada e desesperante.

Em Villa-Real frequentou uma bibliotheca do antigo convento de S. Francisco, — onde lia e escrevia, fazendo d'ella o seu gabinete de trabalho, entre livros velhos que a traça de todo ainda não esfacellara.

Camillo diz que «já n'esse tempo fisgava osgas nos escombros contemporaneos».

Mas foi principalmente no Porto que elle viveu essa mocidade gritante e ruidosa que tanto o fez ser odiado pelos burguezes do seu tempo.

São d'então alguns opusculos — *A Murraça*, *Juizo Final* e *Pundonores desaggravados*, (todos poemas heroi-comicos), — nos quaes elle se revela já aquelle profundo ironista que depois foi.

Um d'elles — *Pundonores desaggravados* é a ridicularisação dos duellos então monomania na sociedade *alta*, — que produziu no Porto a queda d'essa vergonhosa comédia, como ella se dá agora todos os dias, e á qual foi lançado ainda um mais forte golpe de irrisão e troça entre gargalhadas e applausos, no dia em que Camillo e o seu condiscipulo Barros simularam um quixotesco duello á pistola na Torre da Marca. Fôra annunciado que um dos adversarios deveria ficar morto no campo da lucta.

Toda a gente correra ao local á hora marcada quando os duellistas chegaram montandos em burros de albarda rôta e freio de corda.

Camillo «vestia casáca preta de abas em triangulo isósceles com a gola em promontório, convexa, redonda, e algum tanto sebacea», «com collarinhos altos de papel almasso» «que embeiçavam com os arcos amarellos dos oculos», «luvas de lã verde com um ante-braço que lhe dava uns longes de manoplas», «gravata britannicamente branca, absorvendo o queixo de baixo na circumspecta gravidade dos desembargadores d'aquelle tempo», «botas duvidosamente marialvas em que luzia o espigão d'uma espora sem roseta», e «chapeu de castor, derreado por gebadas *ad hoc*, que se desformava nas fórmas caprichosas de barretina de lanceiros».

A prisão dos dois duellistas pelo ingénuo regedor que os esperava com soldados e cabos de policia até a casa do administrador do bairro completou ainda mais a comédia com a hilaridade geral e a risota dos curiosos das ruas, das lojas e dos botequins.

Este lance de Camillo mais açulou contra elle a burguezia medrosa e covarde a quem horrorisava com a força da sua penna e do seu pulso, com suas pistolas, os seus cães enormes e o seu famoso *casse-tête* suspenso por uma correia forte como uma soga de boi, um corno de veado com argola de ferro, e uma mola que fazia saltar da grossa canna da India uma baioneta de dois palmos e meio.

Foi com este famoso *casse-tête* que entrou nas rixas pelas cantôras do theatro de S. João, onde inaugurou uma nova maneira de pateada com trompa e corneta de lata, como o conde de Casal a fizera a martello, partindo uma noite um braço ao baritono Garin que affrontara Barbosa e Silva, e se defendeu contra a populaça na rua de Santo Antonio.

N'essa aventurosa e remoçante mocidade affrontou sempre o perigo e correu sempre para a lucta, sem muitas vezes saber ou avaliar bem porque o fez, como no alistamento ao estado maior de Mac-Donnel e na lucta contra o governador civil José Cabral, em que esteve em risco de ser morto pelo caceteiro *Olhos de boi*.

Elle mesmo nos narra um recontro, na Ponta da Pedra, com os partidários da Dabedeille sendo elle da facção da Belloni, em que os primeiros celebravam

em honra da sua dama um jantar onde se a alegria e a loucura do enthusiasmo eram em abundancia, o vinho não era menos.

Estavam lá Araujo Taveira, Guedes Infante, João Guimarães, Aloysio de Seabra e João Roberto, dos melhores companheiros d'essa bohemia de *Saint-Preux*, alegre, doidivanas e generosa.

Depois, «mais tarde, diz Camillo, encontrámo-nos uns sujeitos com o nosso nome».

Era já então o envelhecer na mocidade, o anoitecer da vida feito precocemente pela dôr e pela desgraça.

Porque elle viu sumirem-se pouco a pouco, pedaço a pedaço, todas as illusões pelo seu caminho.

Quasi todos os seus amigos de bohemia cahiram mortos pela loucura, pelo suicidio e pela miséria.

Camillo divinisou-os, arrancando-os das sepulturas e fazendo-os viver como elles tinham vivido, na grandeza de suas Almas. São d'elles Vieira de Castro, D. João d'Azevedo, Dias Guimarães, Evaristo Basto, esses extraordinários vultos de Jorge Arthur e José Augusto, e muitos personagens dos seus romances com quem viveu uma vida de lucta e sonho, na miséria cortada d'esse desalento que o fez entrar na morte pelo suicidio.

Por isso, para o seu temperamento nervoso e sensivel, houve logo ao principio da Existencia todas as variantes do soffrimento; — o Odio que nos toma a melhor parte do Coração, o desespero que o anniquila e o Amor que, aos desgraçados, lh'o mata.

E na sua Vida desordenada e febril em que o Amor

ingénito o fez sempre infeliz, Camillo, ainda com essa inconstancia, de que é definidora a inquietação que o fazia mudar amiudadas e muitas vezes de casa e de terra, foi sempre um leal, um Amigo, um bom.

O ultimo quartel da sua vida começou em 1860.

Desde a sua entrada na cadeia, no seu espirito sente-se uma evolução salutar e forte, realisando então das suas melhores obras como o *Amor de Perdição* e o *Romance d'um homem rico*.

Desde então Camillo só soffreu e escreveu.

Mas não o fez consolando-se; despedaçou o Coração nos livros, fazendo-os com a propria Vida.

Esse cyclo de 30 annos em que elle foi quasi o unico a salvar a litteratura portugueza d'uma bancarrota intellectual, foi o soffrimento de desgraças novas e um recordar de antigas que antes seria pezar que saudade.

Foi n'uma Vida assim, de dôr e lucta, que um dos maiores romancistas contemporaneos fez a sua grandiosissima Obra genial, soffrendo todas as dolorosas sensações de nervos e sentindo todas as grandes commoções da Alma, com «sorrisos que são, a dentro do peito, unhas de ferro».

E quando Camillo disparava um revolver, allucinada e heroicamente no desespero da morte do seu neto, na morte moral do Nuno e na sinistra idiotia do seu mais querido filho, o Jorge, indo-se-lhe toda a esperança de felicidade na sua cegueira em que ainda tinha feito tão bellas paginas, morria em S. Miguel de

Seide o maior escriptor portuguez. «Elle poderia adoptar para si, escreve Ramalho Ortigão, o epitaphio de Beyle, compendiando a sua autobiographia na mesma breve epigraphe, resignada e altiva, resumo de todo o destino que teve na terra o seu dolorido coração e o seu grande espirito:

«Escrevi, amei, vivi.»

Physiologicamente condemnado áquella disciplina do espirito e variabilidade d'opiniões, fazendo-o ajudante de missas em 43, guerrilheiro em 46, janota em 49, candidato a padre e miguelista em 52, materialista e livre pensador em 56, que se nota na sua grande Obra em toda a parte, é sempre expontaneo, vehemente e sincero.

Porque todas as incoherencias na sua Vida de Artista e Homem provêm dos desiquilibrios da sua funcção nervosa, com brusquerias de mau humor, reviravoltas subitas e inexplicaveis e contradicções flagrantes, na incoherencia do espirito que não assenta em dogma algum, nem mesmo nos formados na sua consciencia ou na sua intellectualidade, mas crê e descrê, duvida e investiga, trabalha e aprende, dando ao seu temperamento arrebatado, de visionante allucinação, uma mobilidade de caracter que a sua vida de trabalho e lucta sobrehumana justifica, n'uma Obra d'Arte tão individual, tão superiormente feita pelo Genio.

O estudo da vastissima Obra de Camillo Castello Branco, nas suas multiplas manifestações intellectuaes, na complexidade das suas aptidões e tendencias, cons-

tituirá talvez um dia, feita por um grande escriptor que sinta bem essa extraordinaria revelação do genio, e possua uma compleição requintada d'Artista alliada á feição propria d'um critico superior, um brilhante trabalho que collocará a obra do grande Mestre, em plena luz, na sua preeminencia formidavel e triumphante, grandiosa e admiravel que é a expressão animada, singular e suprema da Vida humana.

Porque ella é, na sua grandeza, uma assombrosa affirmação de talento, que resistirá a todas as observações, a todos os embates, a todos os odios, consagrada definitivamente na immortalidade.

Falta-lhe innegavelmente a systhematisação, a regularidade inflexivel do coordenamento, da ligação precisa, entre as suas partes, detalhe a detalhe; — a unidade porém está em toda ella, dominando-a, erguendo-a á verdadeira altura de intreprete exacta do espirito humano, nos seus accidentes particulares, no tumultuar das suas paixões, na luminosidade sublime da Verdade.

E toda a Obra de Camillo, tão diversa na sua feição de romancista e historiador, polemista e critico, sente-se feita d'um só bloco — o mesmo Homem — d'um só elemento — o mesmo Genio.

Camillo comprehendeu com uma lucidez inexcedivel o drama vivo dos instinctos, dos sentimentos e das paixões.

Possuiu integralmente essa verdadeira e superior concepção humana das coisas humanas.

Toda a sua Obra, parecendo feita por vezes de

elementos apparentemente contrarios ou discordantes, nas creações mais naturaes ou mais imprevistas, unifica-se, centralisa-se, influenciando sobre o meio social, como resultante d'um só, d'um grandioso Ideal de revolta, de analyse e revelação psychologica.

Ella exerceu sobre os seus contemporaneos identica acção moral á de Gil Vicente sobre o Portugal do seculo XVI, á de Molière sobre a França do seculo XVII e á de Voltaire sobre o seculo XVIII,—directa ou incidentemente, ella tem um caracter eminentemente superior, na concentrada e complexa expressão do Homem e da Sociedade.

Não tendo essa regular symetria de construcção de Gœthe, de Balzac, de Flaubert,de Zola e Eça de Queiroz, firmada n'uma orientação de equilibrio e ordem, embora subordinando sempre o particular ao geral, guardando a solidariedade e unidade de conjuncto, Camillo não observa rigorosamente o desenvolvimento das partes do todo, preferindo antes escrever paginas sobre um facto ou uma figura secundaria e, pelo poder do seu genio, em duas linhas, erguer, suggestionante e dominadora, a idéa ou o personagem principal.

Com effeito diz Guyau «a emoção sympathica do leitor está sempre em razão inversa da despeza de attenção que se exigiu d'elle», accrescentando que «a escolha dos symptomas de emoção é o que caracterisa a arte do escriptor;» e que «o fim de todo o escriptor é produzir em quem o lê a *totalidade* da emoção que elle descreve, e isto descrevendo o *menor nu-*

mero possivel dos symptomas exteriores ou interiores d'esta emoção.»

Por isso em Camillo ella vem d'assalto, natural e verdadeira, — sobresalta-nos, possue-nos, soffremol-a: nos outros *lê-se* a emoção, antes que se sinta; — adivinha-se pela sua longa preparação scenica...

Porém a sua originalidade e a sua admiravel facilidade productora não destroem essa perfeição que, muitas vezes, é rigidez de linhas, e a que chamam *correcção*. No entanto não se submetteu nem poderia nunca submetter-se á uniformidade do molde; altera-o, modifica-o, excede-o.

Elle não seria talvez capaz de executar um romance, tendo-o antes estudado, dividido em capitulos pela seriação de assumptos, inventado o entrecho, com os pequenos accidentes e pormenores no plano geral, detalhe a detalhe. medindo, avaliando as paginas que cada parte devia occupar pelo seu valor, pela sua funcção e fim na Obra.

Esse processo de factura dá-nos a illusão d'uma coordenação inflexivel e severa, — mas é a contrafacção do espirito, a amputação da verdade, o falseamento da realidade psychologica.

Escreve Fialho d'Almeida:

«A sua maneira de vivissecar é tambem typica. Camillo não desce aos pormenores da histologia, como Zola, nem decompõe o trabalho d'um cerebro como Bourget, ideia por ideia, impulsão por impulsão! N'este luxo que é um dos mais habeis e ás vezes mais enfa-

donhos artificios do romance moderno, frequentemente o sabio prejudica as faculdades inventivas do artista, reduzindo a obra d'arte a uma monographia secca, a uma especie de historia clinica em que o vigor do detalhe expulsa o sonho, substitue á arte a medicina, abdica da phantasia em favor da formula...»

Nenhum romancista teve como Camillo esse grande poder evocador, essa extraordinaria força suggesitva d'alegria e desespero, de indignação e de lagrimas, de Amor e de Odio.

A Vida é bem a Vida dos seus romances inteira e assombrosamente stereotipada pelo genio: — o heroismo e a mesquinheria, o bello e o degradante, o sublime e o ridiculo, o grande e o sordido, o tragico e o comico, — feito de luz ou feito de lama.

Não é romantico nem realista; não tem escola, nem poderia te-la.

Na escola a opinião do Mestre é um dogma, — Camillo não o admittiu nunca; — na escola o ambito d'acção delimita-se, restringe-se; — além da fronteira marcada pelo chefe não é licito avançar; — Camillo não consentiu nunca que peias o prendessem a um ponto fixo e inalteravel.

E qual seria, qual foi a escola de Homero, Eschylo, Phidias, Socrates, Platão, Dante, Miguel Angelo, Raphael, Rabelais, Calderon, Cervantes, Milton, Shakespeare, Rembrandt, Molière, Voltaire, Beethoven, Camões e Hugo?

Eu julgo que elles só tiveram por dogma a Ver-

dade, por inspiração a lucta, e por Mestre e ensinamento a Natureza.

Dentro d'esta comprehensão artistica cada um d'esses grandes homens geniaes affirmou a sua individualidade, original e independentemente.

Eu entendo que na creação ou representação da vida pela Arte não ha pois filiações de genio a genio ou de obra a obra, — todas podem influenciar-se mas nenhuma deixará de representar a personalidade que a creou, nas suas tendencias e aptidões estheticas ou sentimentaes proprias, embora dirigidas sob a acção do meio social, economico, politico ou artistico ambiente, e determinado pelas suas circumstancias de existencia que envolvam necessarias condições vitaes.

Nos adeptos d'um certo corpo geral de doutrinas a que convencionou chamar-se da mesma escola nunca dois d'entre elles harmonisaram os seus processos e acceitaram essas doutrinas por completo; a affirmação do seu temperamento e da sua personalidade impoz-lhe necessariamente divergencias por vezes fundamentaes, que basilarmente as differenceiam e contrapõem.

Vejam-se no romantismo as obras de Goethe, Lamartine, Walter Scott, Musset, Byron, Garrett, Herculano e Hugo, e no realismo compare-se Balzac a Daudet, Sthendal aos Goncourt, Zola a Eça de Queiroz, Flaubert a Maupassant.

Todos elles tem na sua obra um relevo proprio n'uma orientação autonoma, individual.

Spencer pretendia que a expressão do pensamen-

to pela linguagem fosse certa e invariavel, tornando-se *machinery;* os criticos defensores do realismo, com exclusivo dominio na Arte, pretendem que perante um facto ou um objecto todos se sintam egualmente impressionados, advogando a despersonalisação do artista e a sua submissão a um typo unico de estylo e linguagem.

Essa despersonalisação proclamava-a Flaubert quando em 1825 dizia á sua amiga George Sand: — «assumpto, personagens, effeito, etc, tudo está fóra de mim», e concluia escrevendo-lhe tambem no mesmo anno que «o artista deve arranjar-se de maneira a fazer acreditar á posteridade que elle não viveu!»

E, apesar d'isso, desmentindo-a, que poderosa affirmação de vida é a sua obra!

A impassibilidade perante o assumpto é meramente apparente, e a soberba reacção sobre si para a conseguir, embora em vão, (porque a despersonalisação seria o anniquilamento) sente-se na maneira pela qual cria os seus personagens, visiona o assumpto e dispõe o entrecho, n'uma paixão tão allucinadora e perturbante que o leva á morte como a Bichat vivendo sobre cadaveres.

A idéa justa da necessidade da analyse veiu crear esta falsa doutrina da extincção da individualidade do artista na sua obra

Da primeira a verdade que convem ser reconhecida mas que não é innovação do realismo é que o processo de factura d'uma obra varia com a sua indole.

Mas Camillo comprehendeu-o superiormente.

E' innegavel que a cada genero litterario corresponde um estylo especial.

Variando as idéas, sentimentos e sensações, passando da dôr para a revolta, da resignação para o desespero, da serenidade para a exaltação, das lagrimas para a ironia, — factos e assumptos diversos, — a fórma da sua expressão deverá acompanhar esta variabilidade.

Isto não quer dizer que ella varie completamente na sua physionomia, como n'uma comprehensão artistica rudimentar, no antigo theatro se substituia sucessivamente uma mascara por outra mascara differente; — não; é a mesma physionomia, a mesma voz que se altera e modifica, vibratibilisada pela emoção que lhe imprime uma feição particular.

Não se distingue em todos os individuos um grito de verdadeira alegria, d'um grito de sincera e profunda dôr?

E o semblante não se transforma quasi, não se anima d'uma maneira diversa, reflectindo, exteriorisando a indignacão ou o terror, a coragem ou o desalento?

Por isso o grande mestre possuiu essa continua e precisa variedade do estylo, tão diversa da gradação, côr e som na graça, malleabilidade e singular opulencia da linguagem que o faz considerar, com justiça, o maior dos classicos portuguezes.

E' certo porém que o traço mais caracteristico da Obra como da Vida de Camillo é a sinceridade.

Por isso ella reflecte claramente todos os seus estados de espirito.

Mesmo pelo commentario constantemente n'ella exercido,—o qual lhe dá o cunho especial e inimitavel de romance critico (?), sobretudo se revelam.

E' uma condição de temperamento analoga á de Michelet que nos seus extraordinarios trabalhos historicos nunca poude ou quiz apparentar uma falsa impassibilidade, intervindo por isso sempre na narrativa dos factos pela exposição accentuada e deliberadamente bem pessoal das suas opiniões e sentimentos, com amor e enthusiasmo, fundida a sua alma no seu espirito.

Na polemica, Camillo não sabe fingir serenidade. Venha de quem quer que seja a sua provocação—d'um imbecil ou d'um homem de talento, d'um antigo escriptor ou d'um plumitivo, elle entra n'ella sempre apaixonadamente, corpo a corpo.

Que singulares e contradictorios juizos criticos se tem escripto ácerca da obra de Camillo!

Pinheiro Chagas escreveu no seu prefacio á edição monumental do *Amor de Perdição:*

«. . . tão desembaraçadamente traja á Feuillet quando contrapõe ao *Roman d'un jeune homme pauvre* o seu *Romance de um homem rico*, como veste pelo figurino de Zola quando atira ao publico o seu famoso *Eusebio Macario.*»

E Theophilo Braga affirmou n'*As modernas idéas na litteratura portugueza:*

«Lançava-se á ventura n'esse mundo da arte, levado pela imitação dos romancistas dominantes, Eugenio

Sue, Paulo de Kock, Frederico Soulié e Visconde d'Arlincourt; ainda influiram na sua imaginação velhos phantasistas, como Lesage, Madame Cotin e Pigault Lebrun...»

Pinheiro Chagas escreveu porém no mesmo prefacio, logo a seguir, que elle era «um genio potente, individual, dominador, superior a todas as mudanças de escola e a todas as variações da moda!»

Theophilo Braga, no mesmo estudo, escreve tambem:

«Camillo, attrahido para o romance da vida burgueza, vinha crear uma nova forma litteraria.»

O grande romancista escrevera antes, sentindo-se justamente orgulhoso da sua obra:—«afouto-me a dizer que é novo no romance.»

E Theophilo accrescenta:

«O romance é *effectivamente isso*.»

Ramalho Ortigão diz que a obra do grande escriptor «é essencialmente provincial, delimitadamente portuense...»

Nota porém que ella é «fundamentalmente lyrica», fazendo «viver a poesia das paixões fulminadoras, dos sacrificios illimitados, dos desesperos eternos, das perfeições absolutas!»

Observa-se, para a sua condemnação, que Camillo não realisou nos seus romances obra propriamente consentanea a uma renovação social.

Poderia replicar-se que bastante peza n'ella uma obra como a d'elle, tão cheia de amor e luz, tão sentimentalmente commovente e enternecida, se essa

observação não fosse tão descabida, censurando-se afinal a uma obra que ella não desempenhe a funcção e tenha as qualidades d'uma outra.

Camillo não ergueu na sua Obra como tantos outros escriptores um monumento gigantesco e dominador d'uma epocha litteraria; –fez mais e muito mais: —levantou soberbo e triumphal, mais perduravelmente nas paginas dos seus livros do que se fora no marmore ou no bronze, um collosal monumento que bastaria para assignalar uma litteratura inteira, sendo um precioso documento de vida do nosso paiz, da nossa raça;—immarcessivel e gloriosa reside n'ella segundo a phrase de Castellar o que na Humanidade é eternamente bello—a Alma.

Estudou a vida do seu povo, destrinçou os meandros da sua existencia, admirou a lucta d'uns, assombrou-se da velhacaria de muitos, enojou-se da hypocrisia de quasi todos, viu e investigou, e conhecendo a sua intima constituição achou-a organicamente má, formada por entidades invariaveis e sempre as mesmas, na desesperada labuta da existencia,—o padre, o mercieiro, o religioso, a freira, o barão, o commendador, o brazileiro, o fidalgo, o camponez, a beata, o politico,—tumultuando entre a egreja e o alcouce, o convento e a taberna, o lar santo de paz e o campo bemdito de sol, o soalheiro da maledicencia infamante e o mar grandioso da revolta insaciavel;—é assim como ella era, assim como ella foi, no seu egoismo e na sua abnegação, na sua boçalidade e na sua nobreza,

no seu grotesco e no seu tragico, na sua alegria e na sua dor, na sua ambição e na sua heroicidade, no seu trabalho consolador e no seu desalento anniquillante, na sua grandeza e na sua lucta, elle nol-a traduziu animada, viva e verdadeira.

Nos seus livros ella move-se, tumultúa, raiva e soffre.

As palavras são as suas proprias, o scenario o mesmo, o céo egual, o sentimento identico, e toda uma Raça alli se ergue integral e perfeita, realisando simultaneamente a evidenciação superior e forte da vida psycologica humana.

Ao tempo da publicação dos primeiros livros de Camillo, o romantismo imperava na litteratura n'um exclusivismo dominador.

A renovação intellectual iniciada em Portugal por Herculano e Garrett tinha-se anniquillado esterilmente com a morte d'um e a retirada mysantropa do outro.

E mesmo o intuito dos romances d'esses escriptores tinha falhado, ficando da pretensa obra de reedificação social, simplesmente a obra d'Arte.

Não ha n'elles mesmo a evocação da nossa assombrosa vida historica; — limitam-se quasi sempre á romantisação das antigas lendas da Edade Média.

Não ha ahi a suggestão da Vida plena e grandiosa d'uma raça gloriosa e vencedora; — é menos do que isso esse erguer de ruinas, feito de amargura, desolação e saudade...

Fazer um romance passara a ser uma coisa bana-

lissima que toda a gente de *bom tom* resolveu estar apta a fazer...

E reduziu-se o caso á simpleza technica que teria um idiota pegando d'um novello, estendendo o fio, enredando-o decimetro a decimetro, em voltas e zig-zags, enchendo-o de laçadas, atando-o em ramos seccos dos arbustos, suspendendo-lhe cabacinhas, e, queda aqui, queda acolá, correndo agora para apanhar uma mosca, parando logo a espreitar a toca d'um grillo, ás cabriolas e aos gritos, a guita se lhe acaba, afocinhando por fim, sem appoio, sem poder resistir á impulsão tomada.

Esta conclusão, depois da falla d'amor dulcida e melancholica do protogonista, a que se seguisse a sua morte, — ou na arrogancia filauciosa de espadachim debaixo das ameias d'um castello, ou na beatificante resignação de martyr despresado, aos pés d'um crucifixo, era sempre a maxima preeminente e decisiva, a phrase campanuda, a tirada sentenciosa, que havia de ser a definição moral de toda a obra.

Não era só o *digito gigans;*—era toda a ampla e gorducha mão do sadio homem de negocio que, para aproveitar as horas d'ocio, estendia até ás bellas-lettras o seu proverbial amor á patria, manifestado já á saciedade nos multicôres balõesinhos com que costumava todos os annos embellecer as janellas do seu palacete, na celebração anniversataria d'aquelle dia em que João Pinto Ribeiro pôz no throno o primeiro rei de Bragança.

Camillo Castello Branco debutou pois nas lettras em pleno ultra-romantismo.

O seu apparecimento, marca um periodo novo na nossa historia litteraria.

Porque essa maneira só sua de vêr e escrever as coisas que mais tarde o impoz como o mais talentoso e original escriptor do nosso tempo, pelo estylo e pelo espirito, possuia-a, evidenciava a elle já no seu primeiro romance — *Anathema.*

E' o mesmo processo de factoriação do dialogo, as mesmas maximas naturaes, a mesma ironia, a mesma fina percepção, o mesmo fundo sentimento, o mesmo commentário á vida.

Comparando páginas d'esse livro publicado em 1843 e d'outro escripto quarenta annos depois, encontra-se n'elles esse traço fundamental que os liga, que os irmana, vistos á mesma luz, olhados pela mesma anályse.

Elle achou pelo génio a sua maior força, e poude, ainda atravez d'uma Obra realisada no lufa-lufa d'uma producção desesperante e continua, imposta muitas vezes pela miseria, ao sabor da exigencia dos livreiros e do publico, página seguindo página, sem revisão e sem emenda, achar maneira, meio e occasião de imprimir-lhe um basilar fundo de Verdade e Arte, accentuado na sua feição particular e superior de Homem e de litterato! Só quem sabe a singular tortura, que n'um extraordinario dispendio de força nervosa, custa a factura d'um livro vivido avalia o collossal esforço com que elle ergueu essas trinta mil paginas dos seus.

Um editor exigia-lhe obras religiosas, outro livros de paixão e d'amor, este obras de estricta moral burgueza, aquelle narrativas tão idyllicas e paradi-

siacas que roçassem pela velada pornographia da epocha.

E Camillo poude manter-se, n'essa dependencia, independente, poude conservar-se livre n'essa servidão.

Quanto lhe custaria este assombroso prodigio de equilibrio ?!

Gomes Monteiro pediu-lhe um romance sobre *S. Frei Gil*, o Fausto portuguez.

Camillo escrevia-lhe pouco depois da encommenda que nunca chegou a satisfazer:

«Se elle me sahisse *Fausto* não m'o entenderiam os juizes dos 500 réis; se sahisse milagreiro, cada lorpa se faria Voltaire para o arguir. *Contemplarei o meio termo entre os dois juizes.*»

E é ainda a elle que o romancista escreve, referindo-se a outras obras:

— «Não é no genero popular e contrafeito em que escrevi o *Coração, Cabeça e Estomago* e ultimamente as *Coisas Espantosas, trabalhos de que não gosto mas que gisei á vontade dos compradores.*

Investigar como muitos dos seus livros foram assim factoriados é um trabalho que nos faz mal, na revelação da lucta d'esse gigante contra a fome, mas é um trabalho que nos confirma as difficuldades enormes e inauditas com que Camillo luctou na formação da sua Obra por vezes cortada, feita a retalhos, mas impondo-se, vencendo emfim pelo Genio.

E quem foi ahi dos nossos escriptores mais luminosamente pantheista? quem sentiu ahi mais intensamente a Natureza, na eterna e pura belleza da pay-

sagem, com a revolta indomita das arvores, abaladas pelos furacões no cume das altas serranias, — violenta como uma marcha de odio, de guerra e combate e com a doce suavidade idyllica dos pomares em flôr, dos rios maguados e soluçantes, dos gorgeios cariciantes das aves, da verdura, da vegetação, da Vida, — que parece elevar-se ao céo n'uma sagrada e mystica symphonia de côr e som, perfumada, dulcida, embaladora?

Elle sente tudo isto bem como se as coisas tivessem Alma, espiritualisadas, na diaphaneidade rubescente esmaecida d'um pôr de sol calmo e tranquillo.

E tudo isto o commove, o abala e o perturba na vibração singular da saudade d'um tempo feliz, que os grandes desgraçados como elle julgam ser, sómente, a illusão ephemera d'um sonho.

E' esta descrença que, de repente, o toma e o possue, na blasphemia com que subitamente, n'uma ironia, elle interrompe essa visão interior de pacificação serena e espiritual.

Depois hesita ainda, e sente a indecisão pungente e morbida, que algures, depois do riso mordente o fez dizer:

«Perdoae-me, senão choro de enternecimento.»

Ha mais de quatro seculos, que Gil Vicente, representando de bobo n'um sarau de D. Manuel, no dia em que sua mulher morrera, «metade da cara rindo, outra chorando» soffreu essa mesma suprema,

satanica e indefinivel dôr, feita de angustia, de desespero e raiva infernal e perturbante.

A sua obra de critico, anda ligada a essa impetuosa e modelar de polemista, em que elle revelou o seu temperamento rude e fogoso, audaz e altivo, que constituiu, em toda a sua existencia, o fundo primacial do seu caracter.

Nenhum escriptor foi ainda em Portugal tão odiado e perseguido, n'uma saraivada infame e cruel de calumnias sobre a sua vida intima; nenhum soffreu tambem tanto a furia do ataque á sua individualidade nas lettras.

«Houve um periodo em que se tornou moda provoca-lo» diz Silva Pinto: «Foi na época do *Cancioneiro Alegre*. O leão agitou a cauda, e applicando-a em tagante, poz em debandada os cérdos que não afocinharam.»

Mas era afinal como um leão que, espicaçado, se erguesse indomavel e altivo, e, estendendo as garras, sobre a victima, se quedasse logo misericordioso na sua victoria soberana — a cabeça alta e erguida.

Camillo dizia a Silva Pinto: «...os meus quarenta annos de serviços, ou quantos são, concedem-me o direito do silencio quando um rapaz faz nega ças com muito phrenesi á minha innocente pachorra. Mas que quer o meu amigo? Eu vi o pobre Castilho e o pobre Herculano sahirem d'esta vida com muitas nódoas negras no corpo. Não surgiu luctador novo

que não fosse alli ensaiar-se, applicando dois pontapès áquelles dois velhos. O Herculano creio eu que á força de orgulho chegasse a persuadir-se de que os não levava; mas o pobre Castilho sentia-os bem, e tanto que logo pelo telegrapho e pelo correio, me avisava do sacrilegio—para que o desaggravasse. Acudi pelo nome d'aquelle sublime ingenuo duas vezes, que me lembre: na questão coimbrã e na do Fausto. *Mas pela minha parte resolvi não me deixar contundir sem usar de represalias. Os rapazes dão-me; mas eu reajo, como se vê...*»

Com effeito, na polémica, chacinando e destruindo, elle parecia brandir, athleticamente, uma clava de guerreiro medieval.

O adversário sentia-se empolgado, perdido pelo diabolismo sarcasta do seu riso sardonico em que vinha sempre envolto, na serena confiança d'uma victoria ganha, o argumento decisivo ou a réplica azeda e audaz que o tornava feroz e vingativo no seu terrivel e profundo humorismo.

O bisturi dilacerante de Camillo não era bem similhante á lança de Achilles; não curava as feridas que abria; — envenenava-as.

A obra critica do grande escriptor constitue, na sua parte polemica, mormente a reunida na *Bohemia de Espirito;* é modelar;—ella allia ao fogo destruidor de colera o fogo incendeiante do genio.

Dramaturgo elle consegue desenvolver largas obras de these, erguidas com um enternecido amor, n'uma suprema elevação trágica.

Fialho d'Almeida observa ácerca da sua Obra tão inferiormente por mim tratada, synthetisando-a admiravelmente:

«Quanto no artista e no escriptor, o talento tem de malleavel, de voluntarioso e de grande, a ironia na sua expansão facetada e cortante, o estylo na elastica elegancia dos seus modelos plasticos, e a observação no seu processo tenaz de analyse e de critica, tudo nos seus se encontra, a mãos plenas, com uma opulencia que deslumbra.»

E com essas singulares qualidades inexcediveis elle não produziu uma obra prima porque produziu muitas que bem merecem esse nome.

Desde o *Amor de Perdição*, *A Doida do Candal*, *A filha do Doutor Negro*, *A filha e a neta do Arcediago* até ao *Retrato de Ricardina*, *O Regicida*, *A filha do Regicida*, *O olho de vidro*, desde o *Amor de Salvação*, o *Bem e o Mal*, e o *Demonio do Ouro* ás *Vinte horas de liteira* e a *Maria Moysés*, a mais sublime e perfeita das suas novellas, desde as *Cartas a Vieira de Castro*, á *Bohemia de Espirito* e *Os criticos* do Cancioneiro que soberba e maravilhosa obra creada!

Suggestionando-nos todas as dolorosas sensações de dôr e alegria, de compaixão e de revolta, de enternecido e piedoso amor, e de suave e dulcissima resignação e sacrificio, fazendo-no-las sentir n'uma grande impressão nervosa, n'uma tão extranha intensidade emotiva, ella é, sem duvida, uma grandiosa Obra humana, constituindo a maior affirmação artistica do genio da nossa Raça.

Acaba de publicar-se:

O Instincto Sexual e suas Aberrações



LIVRARIA CENTRAL
DE GOMES DE CARVALHO - EDITOR

158, Rua da Prata, 160

LISBOA

PREÇO 200 RÉIS

INTELLECTUAES

Fasciculos de 16 a 32 pag.

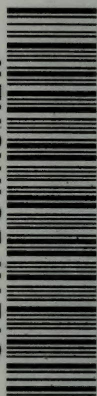
I — BERNARDINO MACHADO 50
II — CAMILLO CASTELLO BRANCO 100

A seguir:

III, Eça de Queiroz — IV, Fialho d'Almeida — V, Ramalho Ortigão — VI, Theophilo Braga — VII, Oliveira Martins — VIII, Anthero do Quental — IX, João de Deus — X, Guerra Junqueiro — XI, Gomes Leal e Guilherme d'Azevedo — XII, Cesario Verde, Guilherme Braga e Barros de Seixas — XIII, Garrett — XIV, Herculano — XV, Teixeira de Carvalho e Emygdio d'Oliveira — XVI, Julio Cesar Machado e Barros Lobo (Beldemonio) — XVII, Silva Pinto — XVIII, José de Sampaio (Bruno) — XIX, Rodrigues de Freitas e João Bonança — XX, Os jornalistas: Teixeira de Vasconcellos, Sampaio, Magalhães Lima, João Chagas, etc. — XXI, XXII, XXIII, XXIV e XXV: Os novos, etc.

A ordem d'estes fasciculos póde ser alterada por conveniencias de trabalho do auctor, que actualmente se determina assim.

Estes fasciculos, todos acompanhados d'uma bella photogravura, virão a constituir um magnifico volume de mais de 500 paginas.


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 04 05 04 014 1